

EUDORO DE SOUSA A CONTRAPELO: O PENSAMENTO AUTOCRÁTICO NA HISTÓRIA DOS ESTUDOS CLÁSSICOS

Bruno de Alves Borges¹

Marcelo Rocha Barros Gonçalves²

Resumo

Sem perder de vista a obra publicada por Eudoro de Sousa (1911-1987) nos anos 1940, bem como alguns rastros de suas leituras marcadas na *marginalia* de seus livros particulares, recorrer-se-á às cartas trocadas por este intelectual com camaradas de sua geração para a tentativa de um mais amplo entendimento da conjuntura que o formou em Heidelberg, mas também do processo responsável por confirmá-lo dentro de um eixo de pensamento autocrático que iria desaguar em terras paulistas, nos braços do integralismo. Biografias como a de Eudoro de Sousa e sua geração contam a memória da criação da universidade no Brasil e na América Latina, mas certamente contribuem para que possamos vislumbrar mais nitidamente algumas das principais cenas de construção do próprio campo dos estudos clássicos e suas crises, críticas e lutas.

Palavras-chave

Eudoro de Sousa; história dos estudos clássicos; história do livro e das bibliotecas; *marginalia*.

¹ Doutorando (Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. E-mail: b.alvesborges@gmail.com

² Professor Associado – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Coxim, Brasil. E-mail: marcelo.barros@ufms.br

Abstract

Without losing sight of the work published by Eudoro de Sousa (1911-1987) in the 1940s, as well as some traces of his readings marked in the *marginalia* of his personal books, we will resort to the letters exchanged by this intellectual and comrades of his generation to attempt a broader understanding of the situation that formed him in Heidelberg, but also of the process responsible for confirming him within an axis of autocratic thought that would flow into the lands of São Paulo, in the arms of integralism. Biographies such as that of Eudoro de Sousa and his generation tell the memory of the creation of the university in Brazil and Latin America, but they certainly contribute so that we can glimpse more clearly some of the main scenes of construction of the field of classical studies itself and its crises, criticisms and fights.

Keywords

Eudoro de Sousa; history of classical studies; history of books and libraries; *marginalia*.

Proêmio: sintoma e *corpus*

“(...) o único homem na Europa, no mundo, em que é possível confiar, politicamente, é Hitler.”

Eudoro de Sousa, 1940³

“O momento destruidor: demolição da história universal, *eliminação do elemento épico, nenhuma identificação com o vencedor. A história deve ser escovada a contrapelo.*”

Walter Benjamin, 1940

O modo como tradicionalmente é contada a história dos estudos clássicos no Brasil vem sendo questionado profundamente desde que se entendeu que a eterna “crise” do campo tem nos ensinado muito mais do que diferenças teóricas conciliáveis e/ou posições discutíveis em espaços acadêmicos. Com a consolidação de críticas à suposta hegemonia alemã (Roche; Demetriou, 2008), ou mesmo à centralidade da figura de Homero dentro desse constructo histórico (Silva, 2022), torna-se premente entender a posição da América Latina e do Brasil no concerto geral dos estudos de Antiguidade a fim de tomar posição face aos debates contemporâneos.

Nesse sentido, ganha força e importância a possibilidade aberta por quem tem explorado um “subgênero” denominado *história dos estudos clássicos*, com suas sugestões concretas para uma reavaliação da *nossa crise* e suas especificidades. O caso aqui abordado é descrito a partir do exemplo de uma das biografias mais singulares que já cruzou essas terras, a saber, o pensador lusobrasileiro Eudoro de Sousa, um dos responsáveis pela proposição e defesa de uma *Altertumswissenschaft* no século XX.⁴

³ Carta inédita, no prelo.

⁴ *Altertumswissenschaft* é uma palavra alemã cunhada por Friedrich August Wolf, em texto de 1807, para denominar uma nova disciplina dedicada ao “estudo da Antiguidade” (tradução literal da fórmula germânica, que às vezes também aparece como “ciência da Antiguidade”). Segundo essa proposta, seria preciso unir um conhecimento robusto das línguas clássicas (grego e latim), em termos de gramática, crítica e hermenêutica, a uma investigação da realidade material do passado, por meio de novos campos, como a arqueologia, a epigrafia, a numismática etc., a fim de propiciar um domínio completo da realidade antiga. Segundo Wolf (1807: 124-5), o objetivo da disciplina assim definida “não é outro se não o conhecimento da própria humanidade antiga, conhecimento que, partindo do estudo dos restos antigos, emerge da contemplação de uma formação nacional significativa e organicamente desenvolvida”. Para uma interpretação crítica da obra (e sua tradução para o português, à guisa de apêndice), ver Silva, 2022: 496-522.

Com marcas que ainda se veem nos corredores de universidades brasileiras, importa não apenas investigar o legado daquele que coabita a memória oral das mais expressivas intelectualidades do presente em nosso campo, mas perceber como imprescindível uma releitura crítica da formação desse intelectual a fim de se entender de forma mais ampla como sua jornada não apenas lhe conferiu sua *Bildung*, mas construiu as bases da universidade brasileira. Para isso, partimos de cartas trocadas por Eudoro de Sousa e seu círculo, com o intuito de vislumbrar tal personagem e sua obra no vínculo com questões latentes do seu tempo.

Interrogar *por quê?* e *para quê?* é fundamental para avaliarmos um legado que ultrapasse o encômio. Mesmo em estudos recentes que reivindicam um caráter analítico (Belchior, 2024; Lóia, 2018), ao fim e ao cabo, leva-se pouco em consideração as dimensões histórico-críticas e ideopolíticas do debate hermenêutico. Tipo curioso de *argumentum ex silentio* para tema sobre o qual não falta documentação, muitas vezes o contrário.

Como tentaremos sinalizar nestas notas, como um sintoma,⁵ pouco ou nada que se leia sobre o autor de *Mito e História* reflete sobre as agudas arestas e contradições presentes nos caminhos eudorinos.⁶ Seja por desconhecimento absoluto de elementos vitais,⁷ seja porque o espírito conservador hegemônico no campo parece evitar, entre silêncios e interditos, a polêmica; este caso nos mostra que – para usar a gasta paráfrase de Shakespeare – há muito mais entre o céu e a terra do que *julga* a nossa vã história da erudição clássica.

O Brasil é um “país jovem”, falemos com Agostinho da Silva, mas que

tem consigo o paradoxo de ser um país antiquíssimo que vem do Mediterrâneo, e que a cada passo dos nossos costumes folclóricos, por exemplo, nós encontramos coisas que vamos radicar a Creta, ou que vamos radicar às tradições destas regiões do Mediterrâneo (Silva, 2009: 52-53).

Ora, se o Brasil tem (tanto quanto Heidelberg ou qualquer outra tradição clássica)⁸ o direito de reivindicar para si a Antiguidade que ele mesmo encarna, tendo em vista a heterogeneidade constitutiva que é

⁵ Aqui nos apropriamos da noção posta em Zizek, 1999.

⁶ A mais expressiva exceção é, sem dúvida, o antropólogo Ordep Serra, um dos últimos discípulos remanescentes de Eudoro, com rara narrativa crítica acerca do desmonte da UnB, mas nunca sobre o *Reich*, assunto velado ou desconhecido pela maioria viva dos discípulos, parentes e fortuna crítica até 2011.

⁷ As cartas do período alemão só em 2011 chegaram ao Brasil e nem os discípulos do seu círculo esotérico tinham detalhes acerca de Heidelberg e da situação vivida durante o III *Reich*, conforme discutido alhures (Borges, 2015).

⁸ Ainda que não necessariamente se compre a versão oficial de que “tradição clássica” = Grécia e Roma.

característica fundamental dos *testemunhos fragmentários* do passado, mais do que reconhecimento, essa assertiva implica na forja de abordagens que, não apenas transbordando o greco-romano, no nosso caso, tome como imanente o que a hegemonia historiográfica e interpretativa insistiu em lidar como *externo*. Só assim nos parece possível dar outros contornos críticos à crise, que, essa sim, tem sido o grande fio de continuidade entre nós.

Com extratos de um *corpus* composto pelas dezenas de cartas aqui referenciadas, nosso intuito é compartilhar algum substrato da formação eudorina e perceber a maneira como suas veredas apontam para as formas como um pensamento autocrático se apossa do campo. Da década de 1930 até sua saída de São Paulo para Santa Catarina (1955), o mitólogo se vê ladeado pelo que houve de mais conservador na intelectualidade europeia e brasileira. Enquanto por muito tempo se entendeu que convergências intelectuais e *colaborações* faziam parte da própria *démarche* e eram presenças/situações inevitáveis na vida de quem tinha uma obra a realizar, uma *missão* a cumprir, o que se pauta aqui é o silencioso e silenciado dolo, a escolha, o projeto político que como um espectro rondou e ronda os estudos clássicos e o pensamento brasileiro: o eixo autocrático.⁹

Paródo: entre o “alemão de Klages” e o Integralismo

O contexto português e a culpa francesa

Ex-seminarista de ascendência moura algarviana e filho de um clérigo português, depois de ter sido encaminhado ao báculo para uma vida no claustro religioso, Eudoro de Sousa teve uma jornada irregular do ponto de vista acadêmico. Ligado à universidade e, ainda assim, nunca totalmente vinculado às instituições portuguesas com suas diferentes matrizes de pensamento, desde Leonardo Coimbra à *renascença portuguesa, escola do Porto* etc., bem cedo navega na contramão de seu tempo.

⁹ Para compreensão da violência ao pensamento organizada como milícia intelectual por meio do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), seio que recepcionou Eudoro de Sousa em São Paulo e que aninhava intelectuais nazistas que vieram para o Brasil após o final da II Guerra, faz-se mister avaliar os apontamentos de *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)* (Gonçalves, 2016).

A seu ver, a Filologia e a Crítica portuguesas não apresentavam o aparato metodológico e cultural que tinha a tradição alemã após a obra de Wolf. Não entravam em questão os aspectos racistas e coloniais de sua proposta para uma “formação nacional” (alemã) pautada no estudo da Antiguidade clássica. O que Eudoro ironizava como “literatismo” em sua peleja contra tendências que grassavam na universidade portuguesa não tinha nada a ver com as pesquisas da recém-chegada Linguística (no que viria a se efetivar no hercúleo trabalho do qual a Dialectologia é herdeira), mas sim nas tendências beletristas dos cursos de Letras. O quadro geral da crítica literária dos anos 1930 em Portugal transitava entre um *positivismo* de Teófilo Braga e um *culturalismo* de Fidelino de Figueiredo ou Hernâni Cidade.

Em um caminho do meio, os *estudos filológicos* eram dominados por referências que vão de Carolina Michaelis e J. Leite Vasconcelos a Mendes dos Remédios. Este último, junto com Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, estaria presente nas inaugurações e programas do Instituto Alemão de Lisboa.¹⁰ O “célebre contraditor de Nietzsche”¹¹ já havia assinado o *Manifesto dos 93* às portas da I Guerra, inflamando pública e coletivamente o elo entre ciência e militarismo. A história e as leituras de Eudoro de Sousa nos mostrarão, entre farrapos, algo do que nos sobra a nós, no nosso campo, da polêmica sobre o nascimento da tragédia e da transmissão da *Altertumswissenschaft* para a América Latina na era de formação de nossas universidades.

Com a morte de Leonardo Coimbra e a dispersão de seu discipulato, o círculo mais imediato de Eudoro de Sousa varia entre Vitorino Nemésio, José Régio, Adolfo Casais Monteiro, entre outros. De maneira muito mais íntima, o afeto estruturante mais fundamental de Eudoro de Sousa foi com dois inveterados germanófilos nazistas: Álvaro Ribeiro e Delfim Santos, isso apesar de todas as tentativas precipitadas em dar ênfase à inserção deste intelectual em ramos e escolas portuguesas.

Miguel Real comenta tal contexto, o trabalho e o sentido de Carolina Michaelis para demonstrar que Portugal nos anos 1930 tinha acabado de “abandonar os estudos de filologia, trocando-a pela influência da linguística francesa de Saussure” (Real, 2015: 129). Se a notícia confirma a

insistente determinação eudorina em superar as traduções (e tradições) francesas, muito menos é por ignorar Saussure do que por buscar noutra filologia o que, não havendo em Portugal, lhe daria condições para se

¹⁰ Ninhos, 2022.

¹¹ Sousa, 2010.

integrar ao campo, quicá construí-lo, sobretudo institucionalmente, quando na década de 1930 as Faculdades de Letras regiam o espaço formal dos estudos clássicos.

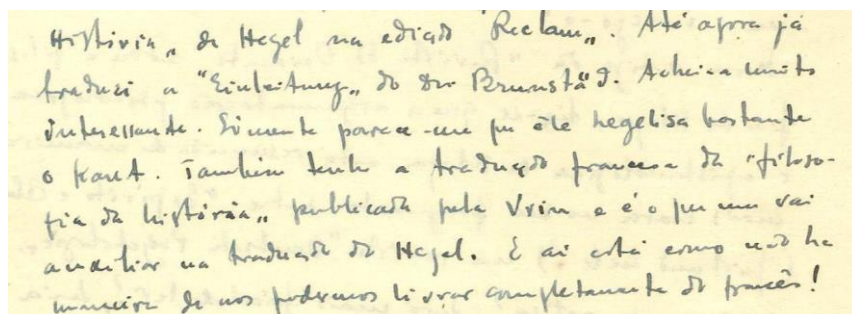


Imagem 1: trecho em que o francês e Hegel aparecem como questão.

Mais do que atacar a existência da crítica literária de um ponto de vista de sua autonomia, tratava-se de um problema institucional advindo de uma reforma/crise universitária posta, discutida e alvo de políticas públicas em Portugal e no Brasil. Entenda-se: tudo a partir da ascensão e queda de um *deutsches Beispiel* [exemplo alemão]. Os antagonistas de Eudoro de Sousa dominam as cátedras de Lisboa, Coimbra e Porto. Antagonistas que, se não o são politicamente, o são epistemologicamente, quicá ambos. Atacar faculdades de Letras e as revistas de seus próprios tertulianos devém *método*. Letras que, para Eudoro, era lugar de risco responsável por assombrá-lo durante décadas e que, na UnB, seria sua cova.

“Filologia e literatismo”, por exemplo, afirma-se como resposta após Heidelberg aos seus interlocutores (Sousa, 2000: 97). Ao propor *uma específica filologia*, idealizada “porventura com funda ascendência do pensamento de Álvaro Ribeiro” (Real, 2015: 129), Eudoro destoa de um desenvolvimento português que caia nos braços de Saussure,¹² e mais uma vez da França. Seja por um caminho *culturalista* ou *ontológico*, as relações entre língua e literatura, no caso português, e bem o vemos tanto pelas cartas, quanto em textos teóricos e de imprensa, estão completamente imbuídas da conjuntura universitária de *uma reforma em vias de germanização*. Na disputa pelas formas de construir a universidade,

¹² O próprio linguista genebrino teria sua estada em Leipzig, depois em Berlim, na última quinzena do século XIX.

tradições e intelectuais de vários campos estão em conflito aberto. Real anuncia o que para nós é um *duplo Eudoro de Sousa-Álvaro Ribeiro*:

Com efeito, este autor, tanto pela contestação à ideologia cientificista do positivismo, dominante nas universidades, quanto pela contestação à moda (...) em literatura, faz centrar as raízes do pensamento e da literatura de um país no desenvolvimento cultural de sua língua (...) onde lança um apelo aos estudiosos filológicos para a fixação e renovação do léxico português de modo a atingir-se *um conhecimento da alma da cultura portuguesa* (Real, 2015: 138).¹³

O mote voltará embebido da experiência concreta alemã. Entretanto, apesar do criterioso panorama que nos oferece irmanando ambos, apesar do reconhecimento de ambos como “incontornáveis” ao pensamento português (ou lusobrasileiro), erra no mais fundamental Real ao decalcar elementos da historicidade e acentuar o sintoma que é o fazer vistas grossas às tardes de convívio em clubes alemães a traduzir jornais de Berlim para fabular acerca da exaltação gloriosa do *Reich*.¹⁴

É dessa perspectiva que, como veremos adiante, em uma dupla articulação com o amigo Delfim, examinamos dois dos principais bolsistas do III *Reich* no programa da Escola de Intérpretes existente entre Lisboa e Berlim durante os anos de “neutralidade”. O desenvolvimento acima ancorado em brevíssimas considerações de Real não deixa dúvidas: a filologia que a tradição portuguesa começa a abandonar, a transformar, no sentido da Linguística saussuriana, não converge com a Filologia que Eudoro de Sousa almeja para si e para a *intelligentsia* portuguesa. Uma coisa é a filologia como expressão nos estudos da linguagem, como meio, outra é a Filologia no conjunto necessário à *Altertumswissenschaft* que seria o selo de qualidade anunciado por onde passou. Sem razões de cair em erro poderíamos reconhecer como adequada a Eudoro a definição que de Filologia nos deu Wilamowitz-Moellendorff entre guerras.¹⁵ Mas se foi só com Wolf que a Filologia deixou de ser *ancilla theologiae*, o corte operado em Wolf, análogo ao que fariam Rosenberg e Klages (Pozzo, 2016), é

¹³ Exatamente estas palavras Eudoro usa em carta inédita para se referir a seus objetivos com os alemães que foram seus alunos em Heidelberg.

¹⁴ Mesmo o estudioso brácaro Joaquim Domingues – organizador de um dos mais importantes materiais epistolares acerca do assunto (Ribeiro, 2001), além de responsável por estabelecer a bibliografia ativa e passiva de Eudoro de Sousa – ignora deliberadamente como exógena e/ou de menor importância a questão do *Reich*.

¹⁵ Definida por seu objeto, lemos pela primeira vez em língua portuguesa que “a tarefa da Filologia é trazer de volta à vida, pela força da ciência, aquela vida passada: a canção do poeta, o pensamento do filósofo e do legislador, a sacralidade do templo e os sentimentos dos crentes e dos descrentes, a azáfama colorida no mercado e no porto – em terra e no mar – e as pessoas trabalhando e brincando” (Wilamowitz, 2023: 35).

fundamental para entender como a filologia alemã abraça o espírito da reação que culmina em seu *Führer*.

Do “alemão de Klages” *et alii*.

Nunca apoiei a afirmação de que os figurões nazistas pertenciam a uma raça superior. No entanto (...) me recusei consistentemente a aceitar a reivindicação de outra raça como o povo escolhido. A arrogância é idêntica (...) mas com esta importante distinção: depois de travar uma guerra contra a humanidade durante mais de três mil anos, o Judaísmo finalmente alcançou a vitória total sobre todas as nações da terra (Ludwig Klages).

É fevereiro de 1938. Stéphane Grappelli e Django Reinhardt se afirmam em um gênero musical negro que, talvez pela primeira vez, e com um *bandleader* cigano, transforma o *jazz* pelos cafés do velho continente. Mais de um ano antes de invadir a Polônia, Hitler anseia a guerra e se aproveita de um escândalo entre generais¹⁶ para dar vazão à sua sanha persecutória no alto escalão da *Wehrmacht*. Os acusados: suspeitos de não adesão. Essa questão, bem o sabemos, será fundamental: quem adere, quem colabora para uma *Volksgemeinschaft*. De 1933 a 1945 essa foi a prática das instituições alemãs. Entre 1933 e 1939 cerca de 1200 professores universitários foram expulsos das universidades alemãs (Pozzo, 2016). Com menores ou maiores resistências, todas as universidades alemãs estiveram à mercê do nacional-socialismo.

O caso mais conhecido, em Freiburg, não mediu esforços em relatórios e denúncias contra colegas contrários ao nazismo. Rei dessa geração, Martin Heidegger

acreditava que os alemães eram “o mais metafísico dos povos” porque estavam exclusivamente enraizados em seu solo (*Bodenständigkeit*). Isso significava que eles estavam destinados a reconectar a história com o Ser — ele acreditava no “Novo Despertar” nazista com “convicção interior” (Jöhsson, 2023).

Traços de seu perfil revelam-se no que a Direção de Distrito do Partido entendia em maio de 1938 como “avaliação psicológica” do antigo *Rektor-Führer*: “caráter um pouco fechado, não muito próximo do povo, só vive para a sua ciência, não tem sempre o sentido das realidades”.¹⁷ O projeto: nazificar a universidade alemã, germanizar a universidade europeia, limpar as raças da degeneração e combater o comunismo.

¹⁶ Caso *Blomberg-Fritsch*.

¹⁷ Moderno, 2015.

Recorrendo a dados sobre o contexto existente em Heidelberg, outro nome surge além de Klages. No “clã de filólogos alemães” forçosamente somos levados à polêmica influência (Silva, 2022: 141) de Friedrich Creuzer. Fazendo sua leitura de Wolf, Creuzer teria renovado os seminários de Heidelberg definindo a ciência da Antiguidade em vertentes que, antes incompatíveis/opostas, tornar-se-ão *complementares*. A “complementariedade” entre o histórico (científico) e o exemplar (clássico), Eudoro aprenderia em Heidelberg, para “que a pesquisa científica (*Wissenschaft*) e a educação (*Bildung*) constituam tarefas igualmente importantes no âmbito desse campo central de formação” (Silva, 2022: 141). Esse campo ainda chamado por ele de Filologia é fundamentalmente híbrido, com três disposições fundamentais: a diligência histórica (*historischen Fleiß*), o senso poético (*poëtischen Sinn*) e o espírito filosófico (*philosophischen Geist*). Tendo afirmado a perspectiva wolfiana por onde passou,¹⁸ “se é certo que Wolf ainda não tinha ascendido ao estatuto heroico que conheceria nas décadas seguintes” (Silva, 2022: 141), sua presença é perceptível na visão de Creuzer acerca de seu próprio campo:

Com relação ao destino dessa ciência, é preciso lembrar que sua origem se perde na própria Antiguidade, remontando em parte à época dos Pisistrátidas, ao espírito de pesquisa dos sofistas e, então, aos trabalhos eruditos e à coletânea de livros de Aristóteles, assim como ao destino maravilhoso dos próprios escritos desse filósofo, que dão material sobre o qual refletir. Ora, Alexandria (desde 332 a.C.) há de despertar a atenção aí, como o primeiro centro da vida e do trabalho de eruditos (Creuzer, 1807 *apud* Silva, 2022: 141).

Independentemente de como Creuzer lê Wolf, não apenas esse momento mostra como se concretiza um paradigma de estudos, mas prenuncia como a busca eudorina magneticamente responde e se integra à construção do próprio cânone que vinha sendo forjado e que terá na Alemanha nazista, pelo menos até 1933-1945, sua *alma mater*.

No final dos anos 1930, Eudoro escreve a Delfim:¹⁹

¹⁸ Tanto em aulas inaugurais no Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF) da cidade de São Paulo, em 1954, quanto na fundação da Universidade de Brasília tal paradigma seria posto como programa.

¹⁹ Carta inédita, no prelo.

Continuo atrapalhadíssimo com o alemão do Klages: vejo-me obrigado a traduzi-lo aos farrapos e, ainda assim, mal. Às vezes chego a desesperar muito seriamente. Mas aquilo que já está traduzido é tão prometedor...Nessas ocasiões – perdôe-me – invejo-o!

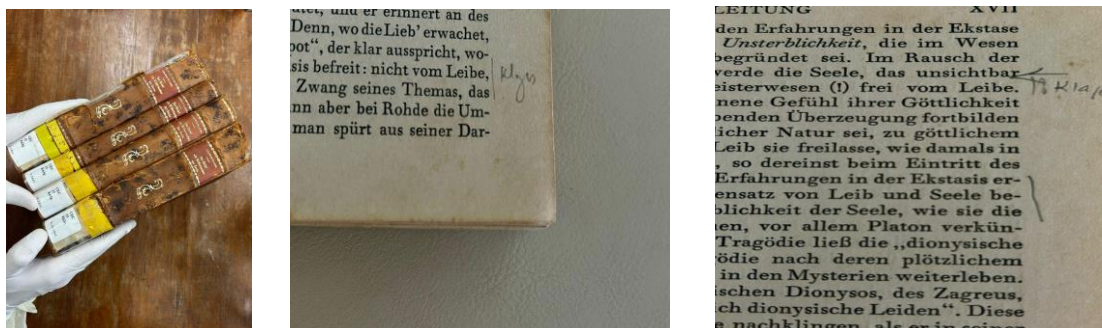


Imagem 2: edição alemã de Klages e de *Psyché* lidos em 1940, na busca de Klages em Rohde e vice-versa.

Não será a última vez que a palavra *farrapo* surge na imagem que faz Eudoro de seus estudos e leituras. A própria natureza do fragmento (Mota, 2019: 23-37) e seus farrapos plasma a interpretação de quem traduzirá *fragmentos* de Novalis como sua primeira publicação, escolha proposital e simbólica,²⁰ haja vista tal poeta ser tido como um libelo da crítica contra a revolução francesa e seus efeitos (Losurdo, 2018). Um exemplo alemão de Klages é o pequeno conjunto fragmentado da edição adquirida por Eudoro de Sousa em Heidelberg. Disposto na mesma mesa durante os meses “germânicos” consta também *Psyche*, de Erwin Rohde, prefaciado por Hans Eckstein. Vastamente examinado na *marginalia* aqui presente, um dos focos da leitura foi a interpretação que Rohde dá do canto XI da *Odisseia*.²¹ Não apenas os argumentos e os problemas postos pelo célebre defensor de Nietzsche interessam a Eudoro, mas aquilo que nele explica Klages. Além de entender os influxos e debilidades do próprio Nietzsche.

Seja no aprofundamento das relações entre Homero e tradições autóctones, seja pelo elemento órfico como anterior e/ou intrínseco a Homero²² (isso enquanto o termo órfico exigia um constrangedor emprego de aspas por parte de alguns estudiosos²³), o leitor elabora e deixa ver rastros de um método em construção; uma cena do ateliê

²⁰ Fac-símile do original publicado durante a II Guerra está disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bg4/UCBG-RP-1-5-s1_3/UCBG-RP-1-5-s1_3_master/UCBG-RP-1-5-s2/UCBG-RP-1-5-s2_item1/P79.html.

²¹ Insumos do lendário curso sobre as *catábases* oferecido na UnB nos anos 1960.

²² É destes mesmos meses de leitura *Orphicorum fragmenta* de Otto Kern, conforme se descobre em visita ao que restou da biblioteca de Eudoro de Sousa.

²³ Pitt, 2022.

eudorino a construir o programa dos *Prolegomena* na Heidelberg do Reich. São os primeiros passos de uma exegese.

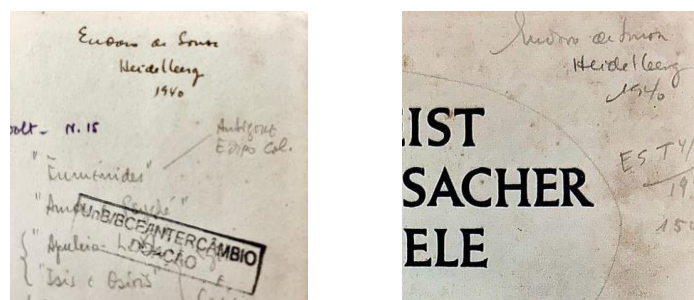


Imagem 3: *ex libris* em exemplares de Rohde e Klages.

Ambos os livros foram lidos em Heidelberg, 1940. Em ambos, conforme apontado anteriormente, mas sobretudo em Rohde, a leitura caminha junto com a tradução do idioma, a consagrada polêmica por si só levava Eudoro primeiro a Rohde.²⁴ No prefácio de Eckstein a caneta vermelha se sobrepõe marcando releitura feita após 1950, ano da publicação de *Mythos und Kult bei Naturvolken*. Ao revisitar Rohde:

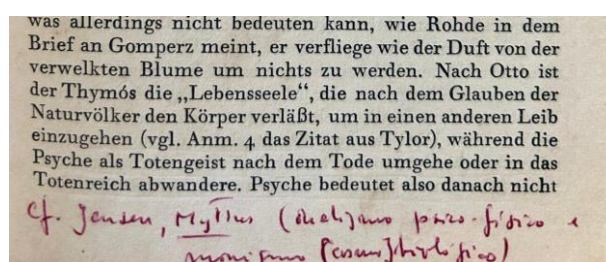


Imagem 4: 2ª camada de leitura em *Psyché* com caneta vermelha: “cf. Jensen, Mythus (dualismo psicofísico e monismo (cosmobiológico))”.

Eis o leitor a responder com Jensen complementando a leitura e a argumentação que é o solo do III Congresso Nacional de Filosofia de São Paulo, ocorrido em novembro de 1959. Apenas em 1961 viria a público a tese cujo autor “resistiu, quanto pouse, à tentação de expressá-la na forma em que efetivamente se encontra expressa” (Sousa, 2000: 181).

Mas a *complementariedade* vinha sendo pautada noutras esferas, haja vista sua presença na física moderna. Em sua terceira publicação, em 1944, com o suporte da *Zeitschrift des Deutschen Kulturinstituts Lissabon*, traduz do alemão Karl Weizsäcker. O interesse: filosofia e física atômica. A revista de cultura portuguesa *Rumo* cerca de dois anos depois publicará “Origem da poesia e da mitologia no drama ritual”, dando início a uma teoria

²⁴ Para uma aproximação com a polêmica mediante textos publicados na época, ver Machado, 2005.

dramática do mito. Na mesma edição Delfim Santos comemora a tradução para o português de “*Zum Weltbild der Physik*”,²⁵ título “muito bem traduzido” de Weizsäcker. A guerra continuará, traduzir será sempre um front. O conflito prestes a acabar e a alta *intelligentsia* portuguesa anuncia a bomba por meio do encontro de áreas. Tornaram-se inevitáveis as “consequências a que a física moderna obrigou a especulação filosófica”.²⁶ Lógica e Ética se encontram na mesma destruição da razão.

Parece-nos, em uma releitura com olhos em suas anotações, que a *complementariedade* tanto é ensaiada para resposta a Hegel, como aponta tentativa de resolução de estruturas de pensamento que enfatizam contradições; mas também o influxo da física moderna plasma o debate na filosofia. Essa imagem e tal experiência marcariam Eudoro de Sousa profundamente até o final da vida, quando afirmava na Colina Velha que só com a fissão nuclear Prometeu teria entregue enfim o fogo aos homens.

Nesse contexto, para responder a Rohde, Eudoro articula Alfred Baeumler (1887-1968), que direto de Dresden seria figura-chave para a assimilação de Nietzsche ao âmbito ideológico do III *Reich*.²⁷ Rohde justifica o silêncio de Homero acerca de Dioniso alegando que o recente deus trácio não tinha a importância que viria a ter. O mapa está dado e resenhado à nossa frente, solto em vasto manuscrito entre as páginas 112-113 do exemplar lido. Nesse estudo para religião e mitologia grega, sob o influxo do romantismo, apontamentos bibliográficos e metodológicos estão delineados de uma primeira leitura feita a quente no ano de 1940, onde *de facto* se afirma buscar bibliografia, *de direito*, a relação permanente entre religião e filosofia, poesia etc. O problema da distinção entre *origem* e *início*, as questões trazidas pela fenomenologia ao problema da história.²⁸

Não é estranho colher também aqui na mesa do segundo semestre de 1940 a *ênfase na reação* a Hegel, a advertência atenta à presença hegeliana. Em carta de fevereiro de 1938, Delfim lê:

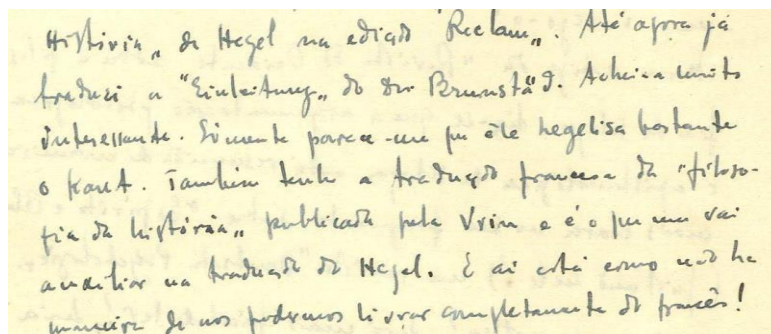
²⁵ A edição conímbrica publicada pela *Revista Atlântida* com tradução de Cabral de Moncada traria o título “Para uma concepção física do universo”.

²⁶ SANTOS, Delfim. A cosmo-visão da física moderna. *Rumo*. Ano I, Lisboa, 1946, p. 201-221.

²⁷ Para Domingues (2001), o “mergulho directo no seio da cultura alemã” de Eudoro de Sousa teria se estruturado exatamente depois das leituras de Baeumler, por meio da influência que Álvaro Ribeiro teria exercido utilizando-se da obra de Ernst Seillières.

²⁸ Para transcrição integral do manuscrito, ver Borges, 2015: 200.

(...) comprei há oito dias a “filosofia da história” de Hegel na edição “Reclam”. Até agora já traduzi a “Einleitung” do dr. Brunstäd. Achei-a muito interessante. Sômente parece-me que ele *hegelisa* bastante o Kant.²⁹



“Filosofia” de Hegel na edição “Reclam”. Até agora já traduzi a “Einleitung” do dr. Brunstäd. Achei-a muito interessante. Sômente parece-me que ele *hegelisa* bastante o Kant. Também tenho a tradução francesa da “filosofia da história”, publicada pela Vrin e é o que me vai auxiliar na tradução de Hegel. E aí está como nos ha unione de nos poderemos livrar completamente de francês!

Imagem 5: conversa sobre livros entre Delfim e Eudoro, 1940.

Nas cartas de outros amigos, advertir e aprontar a crítica a Hegel está na ordem do dia. Sobre esse contexto e especificamente sobre um destes autores que Eudoro encontrou na busca que, segundo as missivas, começou por Klages, diz Georg Lukács (2018) que

o “renascimento” da filosofia clássica alemã no período imperialista não é, pois, uma renovação nem um desenvolvimento posterior da dialética hegeliana, nem uma intenção de concretizar o historicismo de Hegel, contudo a intenção de pôr a filosofia hegeliana a serviço de uma reconstrução reacionária e imperialista do neokantismo (Lukács, 2018: 48).

Não é ocasião de elaborar acerca das virtudes e problemas da análise do filósofo e crítico húngaro acerca da filosofia alemã. Ainda assim, vemos em sua crítica do irracionalismo a confirmação de que disputar a tradição hegeliana ou distribuir petardos contra o risco que ela representa fez parte de um esforço de gerações. “Todos os filósofos”, explica Lukács ao problematizar uma suposta unidade entre Hegel e Kant,³⁰ “se esforçam por demonstrar que *todos* os problemas da filosofia hegeliana se encontram já em Kant, que a única coisa que Hegel fez é formular consciente e explicitamente o que já estava implícita e inconscientemente em Kant”.³¹

²⁹ Carta inédita, no prelo.

³⁰ O autor húngaro aqui cita explicitamente Windelband, J. Ebbinhaus e Brunstäd, sendo este último o autor da *Einleitung* lida por Eudoro em 1940. Vale pontuar que Brunstäd, de influência luterana, foi importante expoente nos círculos da direita da República de Weimar.

³¹ Lukács, 2018.

Independentemente de se aderir ou não à tese lukácsiana, importa-nos perceber o que está cifrado nas cartas e na articulação que aqui apresentamos. A Europa toma novos rumos e será sempre preciso afastar o risco jacobino metamorfoseado no medo demoníaco dos eventos de outubro de 1917. Mesmo imerso em Klages, Eudoro está atento. Dentro de *Geist und Seele* lemos:

Systeme im engeren Sinne entstehen erst, wo die Gedankenbewegung, statt unmittelbar aus der Sprache zu schöpfen, vielmehr im Mittel eines schon festen Bestandes philosophischer Begriffesgeschichte.³²

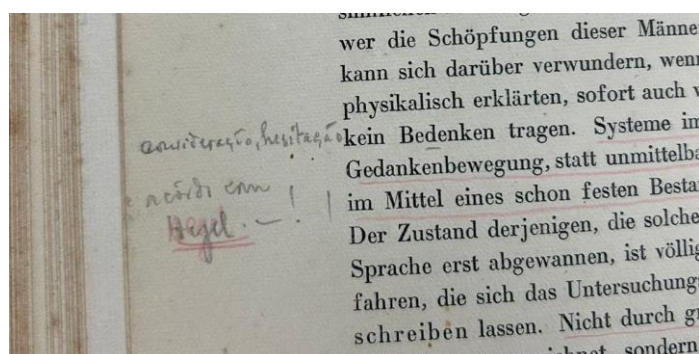


Imagem 6: *marginalia* eudorina presente em edição de Klages.

O leitor não hesita em responder com a característica *exclamativa*, *sublinhando e em vermelho*: “de acôrdo com Hegel!”. A concomitância de leituras não se apresenta apenas no manuscrito que institui o *ex libris* da folha de rosto. Ainda refletindo sobre a origem e a função a que se presta o deus trácio, no caminho da análise de Rohde sobre a hieromania, entusiasmo e êxtase, a busca eudorina se impõe e a *marginalia* registra: “a descrição [de Rohde] dá razão a Klages quanto à natureza do Êxtase”. Eudoro em breve estará imerso na polêmica acerca do orfismo.

Um livro leva a outro pelas deixas que as cartas dão, em uma estrutura de *marginalia*, notas e contra notas às quais se acrescentam uma, às vezes mais duas camadas de leitura em anos distintos. Ambos levam a Otto Kern, também lido em 1940, formando não apenas a base órfica epistêmica eudorina do período, como traçando fio de continuidade interrompido com sangue nas mãos do leitor de Heidelberg, ex-aluno presencial das preleções de Heidegger.

³² “Os sistemas no sentido mais estrito só surgem onde o movimento do pensamento, em vez de derivar diretamente da linguagem, ocorre por meio de um corpo já fixo de conceitos filosóficos.”

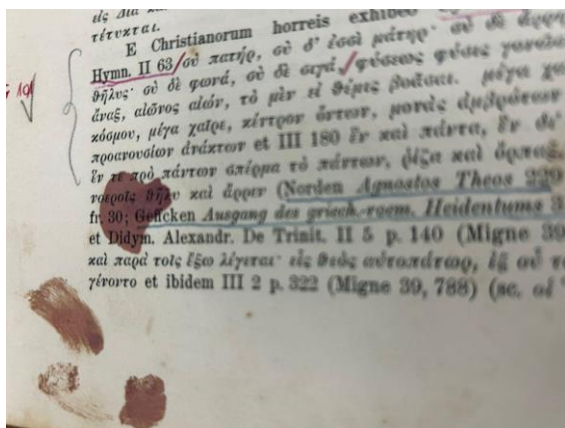


Imagem 7: sangue de Eudoro de Sousa em um exemplar de O. Kern.

Encontrar sangue nos livros particulares lidos na Alemanha, busca que visava apenas abrir caminhos nos labirintos da leitura eudoriana de Klages, Rohde, Baeumler, não pode deixar de sugerir algo *sui generis* no que diz respeito ao *alemão de Klages*. Explicando o radicalismo heideggeriano, um pensador que vai emergir em Eudoro de Sousa até o final de sua vida e será a cifra (antes prometida a Orfeu) da chegada a São Paulo, Emmanuel Faye apresenta um debate pelo qual Klages era conhecido, algo muito mais estruturante do pensamento alemão do que sua grafologia, a saber, a ideia de raça e sangue já não mais corrompidas pelo “biologismo” de Darwin. O sangue alemão necessariamente devém sangue “autêntico”, sangue que escorre ainda hoje pelos destroços legados pelo nazismo. Ludwig Klages, Alfred Rosenberg, Alfred Baeumler... Hitler. Em alguma biblioteca alemã em 1940, o nome de Eudoro de Sousa se aliou e integrou um eixo ainda pouco examinado não em suas problemáticas europeias, mas na sua influência dentro da América Latina.

Êxodo: às custas do Integralismo

A carta constitui uma ambivalência; é a exterioridade de uma interioridade. E ainda: é a exibição de uma invisibilidade. Materializa uma gama muito variada e ampla de sentimentos e pensamentos. É, a carta, uma forma de tornar público o privado, de lançar, na sociedade, o indivíduo (Neves, 1988: 191).

Entre a saída de Heidelberg (1940) e a chegada ao Brasil (1952) questões surgem. Com batismo germânico e nadando na contracorrente lusa, Eudoro lança-se aos mares como muitos portugueses que vieram para as Américas, a maioria deles infensa a qualquer tipo de crítica anticolonial.

A defesa de um *Centro de Estudos Europeus* (germe de uma de suas principais metas), a crítica de seu tempo e o problema entre contribuição e rejeição do contexto em que vive até emigrar, suas perspectivas acerca da própria filologia enquanto ciência ou as considerações sobre aspectos fundamentais da história dos estudos clássicos, a postura diante do programa de Wolf e da Ciência da Antiguidade e ainda debates específicos onde elabora lavra original e madura sobre temas mitológicos e religiosos, sempre na evocação da constante relação entre poesia, mito e filosofia; tudo mostra quão férteis foram os anos 1940. Mas é sobre seu alinhamento político que nos debruçamos agora, bem como no traço distintivo de seu apagamento. Isso para: primeiro, desviar do *sintoma* que atribuiu sempre a Eudoro um caráter *apolítico*, entre outros absurdos;³³ segundo, para, ao localizá-lo, apontar os grupos e projetos com os quais se imiscuiu e defendeu.

A posição que acerca do amigo teria o intelectual Adolfo Casais Monteiro (1908-1972), integrado ao Brasil em 1954, mais de uma década antes, apresenta-nos, por meio dos livros trocados, um flagrante da atmosfera entre os tertulianos antes mesmo de finda a guerra. Estamos em 21 de janeiro de 1943:

Ao Eudoro de Sousa, desejando-lhe que, sem perda para o *senso* filosófico, ganhe um pouco do *senso* psicológico, pelo menos para saber que o silêncio é concordância, e portanto implica co-responsabilidade (...).

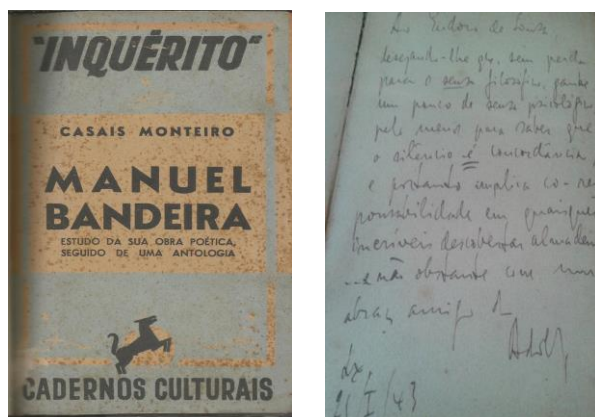


Imagem 8: dedicatória a Eudoro, 1943.

É assim que “Casais”, como a ele se refere ainda hoje a filha de Eudoro, dedica seu *Manuel Bandeira: estudo de sua obra poética*. O ano de 1943 ainda veria o surgimento do LSD pelas mãos da química de Hoffman. Em

³³ Em Belchior (2024: 111), por exemplo, chega-se a dizer que Eudoro de Sousa teve problemas com o salazarismo, nada mais diverso dos fatos.

abril, o gueto de Varsóvia se levantaria. A posição *na imprensa*, ouvida como autoridade, alumia a conjuntura:

Que até hoje não tenha surgido na cultura portuguesa o equivalente lógico e metafísico do génio que, em sublimidade, se revela na epopeia marítima dos séculos XV e XVI e, em beleza, numa lírica perene; isto é, que o génio português não tem expressão filosófica – parece incontestável (Sousa, 2000: 275).

Acusando Portugal de *antifilosófico por natureza* (porque obviamente só Grécia e Alemanha terão esse privilégio), Eudoro é perguntado sobre universidades:

É verdade que a Universidade portuguesa não tem uma faculdade de filosofia, que as faculdades de letras não têm um curso especializado em filosofia; que nem alunos nem professores, fazem leitura dos originais dos grandes filósofos gregos e alemães; que, à falta de traduções portuguesas directas, estamos sujeitos aos desvios das traduções francesas (Sousa, 2000: 276).

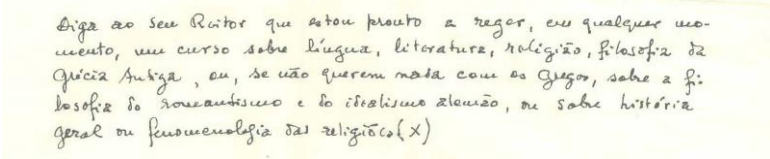
A disputa interna nas universidades e o risco de se recorrer à França devido à falta de uma tradição filosófica em Portugal é o contexto em que, alcançando seu cume, a filologia clássica é suspensa pelas garras heráldicas da *Reichsadler*. O ambiente intelectual cinde, e Eudoro sabe que os tertulianos de sua geração, “‘grupos’ formados pelos raros homens de cada geração, movidos por um interesse *autêntico* pela especulação filosófica, não tardam em dispersar em todos os sentidos das pessoais divergências” (Sousa, 2000: 276, grifo nosso).

É hora! Em êxodo, dezenas de intelectuais emigram para a América Latina, os mais conservadores tentando a Argentina e, no Brasil, o integralismo paulista. No ano de 1949, dois emblemáticos movimentos se dão no *eixo Lisboa-Mendoza*. Comunicando-se para tentar morar e dar aulas em Cuyo, lemos as seguintes palavras de Eudoro:³⁴

Diga ao seu Reitor que estou pronto a reger (...) um curso sobre língua, literatura, religião, filosofia da Grécia Antiga, ou se não querem nada com os gregos, sobre a filosofia do romantismo e do idealismo alemão, ou sobre a história geral ou fenomenologia das religiões [...].

Mas o que prefiro, e onde poderei prestar melhores serviços, é um curso sobre mitologia, religião e filosofia da Grécia Antiga.

³⁴ Carta inédita, no prelo.



Diga ao seu Rector que estou pronto a reger, em qualquer momento, um curso sobre língua, literatura, religião, filosofia da Grécia Antiga, eu, se não querem nada com os Gregos, sobre a filosofia do romantismo e do idealismo alemão, ou sobre história geral ou fenomenologia das religiões(X)

Imagem 9: carta em que Eudoro apresenta credenciais para Mendoza, Argentina, 1949.

Maduro intelectualmente,³⁵ Eudoro define como pode servir à universidade latino-americana,³⁶ assim como ensaiava no Centro de Estudos Europeus discutindo o estado dos estudos clássicos em Portugal, uma elaboração crítica e criadora para a renovação dos estudos clássicos após a experiência de Heidelberg. Sofrendo já as consequências de não ter qualquer formalidade burocrática exigida pelas instituições de ensino superior, entendendo que a crise Portuguesa impedia que o germe da cultura clássica pudesse ser cultivado como bem comum europeu, o já “ilustre helenista” não mede esforços para interromper a entrevista: “não é esta a ocasião de fazer a crítica ao nosso ensino universitário (...) mas simplesmente lhe direi que discordo totalmente da forma por que o ensino superior de humanidades se encontra constituído, desde 1911, em Faculdades de Letras” (Sousa, 2000: 359).

Como que renunciando o fim que teria após maio de 1968, nosso mitólogo julga que

(...) não tem sentido cultural, e muito menos, português, a existência de Institutos Superiores com a designação de *Faculdades de Letras*. Se, por “Letras” se entende o conjunto das “literaturas”, e, por estudo das “literaturas”, a investigação do pensamento dos povos que as produziram, não há dúvida, que o instituto competente melhor se designaria por *Faculdade de Filologia*, e, melhor ainda, por *Faculdade de Filosofia*. “Letras” corresponde a uma atitude de esteticismo estéril que pertence a... História. “Filologia” ou “Filosofia” assinala a atitude mais séria de quem já não se satisfaz com questões de gosto (Sousa, 2000: 359).

Enquanto em 1944, para Eudoro, Schelling se ergue como símbolo da superação da alegorese, naquele mesmo texto supracitado sobre a *incapacidade* portuguesa, o “ilustre helenista” vaticina: “eis o problema

³⁵ Eudoro de Sousa tem 38 anos.

³⁶ É aproximadamente desse período as intervenções em espanhol nos *Anales de Arqueología y Etnología*, periódico argentino onde lança o núcleo de textos que depois seriam republicados em *Dioniso em Creta e outros ensaios* (1973). Por algum tempo se ignoraram as razões pelas quais Eudoro teria se dedicado a publicar em espanhol (Domingues, 2001: 172), vestígio tanto do argumento autocentrado da crítica lusófona, quanto do esforço para ignorar o continente como intenção de Eudoro, não necessariamente o Brasil.

cuja solução propomos ao leitor que, ao *exaltar o Génio da Raça*, prefira a visão *autêntica* à comparação precária” (Sousa, 2000: 276, grifo nosso). A Áustria já foi anexada, os Sudetos já haviam sido entregues com suporte francês às custas da Tchecoslováquia, a Polónia já havia sido varrida por tropas alemãs ao final de 1939, ainda assim e, depois de “comoções como a do dia 10 [de maio de 1940]”, em tudo aqui vemos Eudoro, a quente, a ignorar a política de expansão do *Reich* falando em *autenticidade*³⁷ e em “exaltar o Génio da Raça”.

O fato é que em 1949³⁸, confessando em carta ideação suicida caso se mantenha na Europa, um estruturante traço ideo-político aparece quando alega que nenhuma oposição “psicológica ou ideológica” representaria progresso diante de um Salazar que demonstrava “competência e o mais penetrante sentido das realidades” (Sousa, 2000: 358). Eis a posição eudorina em uma de suas “raras”³⁹ incursões no campo da política e às vésperas de uma eleição de mentira que seria seguida de expurgos, crimes e mortes políticas.

³⁷ Para problematização da categoria de “autenticidade” à luz da conjuntura aqui sinalizada, Faye, 2015: 72.

³⁸ À guisa de exemplificação/sugestão do material aqui apresentado, registre-se que é desse ano a publicação de *Les ages du monde suivis de Les Divinités de Samothrace*, em tradução de S. Jankélévitch. O exemplar eudorino dessa edição parisiense seria adquirido na afamada Livraria Francesa da rua Barão de Itapetininga, período paulista (1952-1955). Ao final dos anos 1970, já na UnB, Eudoro voltaria à leitura de Schelling em edição francesa, como se atesta nas 206 páginas de *Textes esthétiques* (1978), onde a *marginalia* aponta a releitura do filósofo alemão para elaborações do livro *Sempre o mesmo acerca do mesmo* (Sousa, 1978), com ênfase no *texte 6*, dedicado a pensar *Schème, allégorie, symbole*, cerne de parte do pensamento eudorino dos anos 1980.

³⁹ O que constitui um perfil totalmente distinto daquele que, seja na crítica, seja na memória oral, afirma Eudoro de Sousa como apolítico, como um mestre à distância dos destinos da pólis.

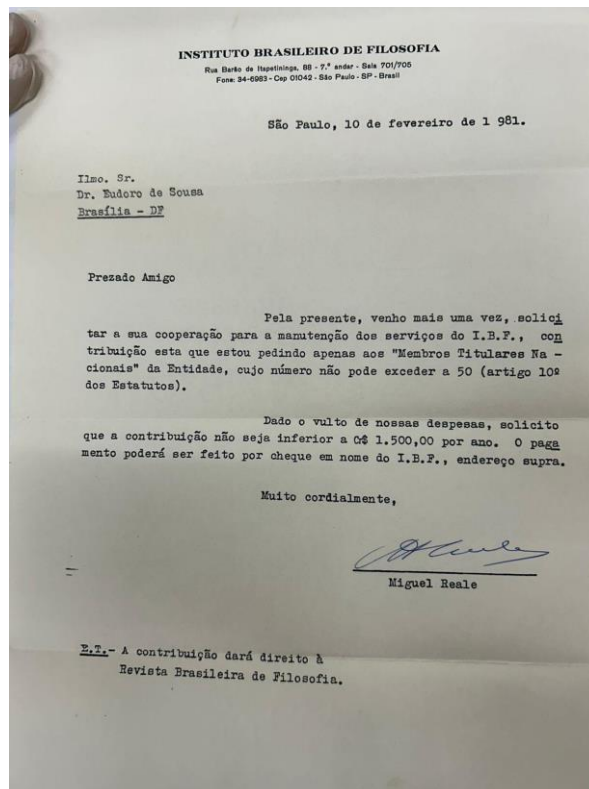


Imagem 10: carta de Miguel Reale a Eudoro de Sousa dentro de exemplar de Klages lido em 1940.

Encontrar uma carta escrita por Reale a Eudoro em 1981 guardada em edição de Klages impressa durante o *Reich* (edição relida para elaboração da obra que Eudoro conseguiu publicar com o suporte da ditadura brasileira dos anos 70 em diante)⁴⁰ demonstra como Reale cobra a dívida com a casa e solicita contribuição “não inferior” a valor estabelecido para a *seleta* que sustenta o Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF).

A obra de Filipe Delfim Santos permite ver que Eudoro, depois de tentar a Argentina, assumiu à frente do IBF, ressaltando-se, *integralmente à frente e diligente*,⁴¹ uma posição ainda pouco discutida acerca da cooptação do campo da Filosofia e dos estudos clássicos por parte de um eixo autocrático (Gonçalves, 2016). O IBF nasce em 1949, a revista em 1951, Eudoro é lido pelo *grupo de São Paulo* e pelos integralistas católicos do IBF como o *suprassumo* da intelectualidade portuguesa, assim como Delfim. Este último, do final dos anos 1930 até a década de 1960, tentaria incursões no campo universitário por meio da mediação integralista.

⁴⁰ Conforme demonstrado com análise e fontes primárias em minicurso para o XI Encontro ANPUH-DF: Gênero, Raça e Classe e os 60 anos do Golpe civil-militar, em dezembro de 2024, com o título “O maio de 1968 na Universidade de Brasília: a degola de Eudoro de Sousa e o legado dos ‘clássicos’”.

⁴¹ Como mostra, rica em detalhes, parte da coleta do *corpus* (Santos, 2011).

A despeito de tudo isso é difícil entender a continuidade reacionária eudorina sem saber quem foi Reale e o IBF. E entender o avanço da extrema direita no Brasil do ponto de vista intelectual e a construção da universidade brasileira é perceber que a história da Universidade de São Paulo (USP), desde 1934, é a história de um projeto da oligarquia paulista, com ascensão especial em 1949, ano de acirramento das disputas naquela universidade (Gonçalves, 2016: 89). Desse período é a contribuição que Delfim Santos deu no círculo de Reale, apresentando sua leitura da “crise da universidade”.⁴² Delfim Santos é um *guia* para/entre os intelectuais luso brasileiros, o mesmo *guia* que em outra carta inédita de julho de 1940, enquanto Eudoro ovaciona Hitler em suas missivas, rejubilava-se com a capitulação francesa e a barbárie que antecedeu Dunkirk:

Muito apreciei as suas primeiras notícias da Alemanha. Creio que, no mais importante, não deverá ter tido *decepção nenhuma* quanto à organização social e demais aspectos que muito nos interessam: *A Alemanha deve viver agora um merecido momento de exaltação vitoriosa*. Deve ter sido interessante para si contemplá-lo.⁴³

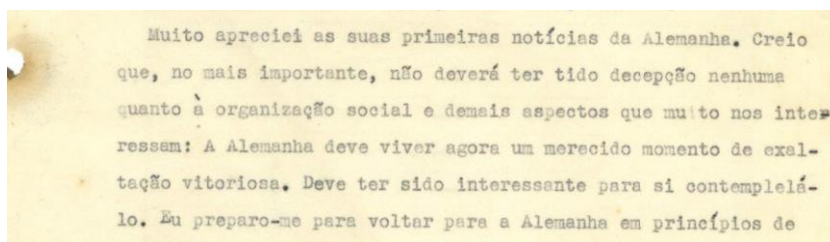


Imagem 11: carta de Delfim Santos a Eudoro de Sousa em seis de julho de 1940.

Eudoro de Sousa seria recebido em São Paulo no ano de 1952 por Vicente Ferreira da Silva, braço direito de Reale no IBF e na cena intelectual paulista. A *concepção aristocrática* que os fundamenta, fenômeno cirurgicamente explicado por Rodrigo Jurucê Gonçalves em 2016, continua coberta pelo silêncio por parte da fortuna crítica eudorina. Ouçamos o professor e historiador:

(...) o IBF faz dois movimentos, de reforma conservadora do hegelianismo e de reafirmação do autoritarismo jurídico, integrados entre si pela crítica do marxismo. O primeiro visa corroer as bases de qualquer movimento

⁴² SANTOS, D. Estará em crise a universidade? – 2ª Parte (entrevista com Delfim Santos, Joaquim de Carvalho e Miguel Reale). *Revista Brasileira de Filosofia*, v.1, n. 3, p. 321-329, jul./set. 1951. Desde os anos 1930, Delfim é conselheiro para a construção da USP, primeiro por interlocução de Fidelino de Figueiredo, depois por parte de outros integrantes do *grupo* e do IBF.

⁴³ Carta inédita, grifo nosso.

antiautocrático por parte dos intelectuais de esquerda; o segundo, assegurar amplo desenvolvimento à autocracia burguesa (Gonçalves, 2016: 179).

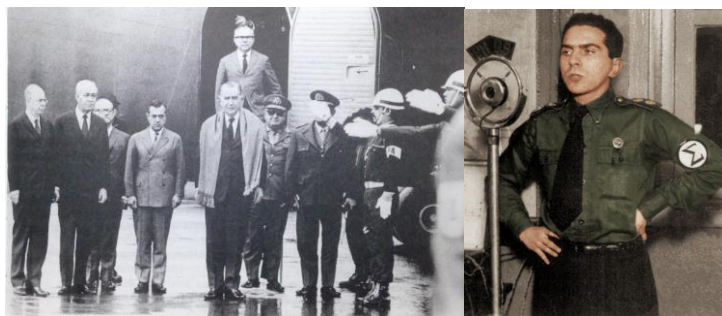


Imagem 12: à esquerda, em 1971, Reale ao fundo posa para foto com Emílio Garrastazu Médici e Gal. Fontoura, chefe do Serviço Nacional de Informação. À direita, Reale como Secretário de Doutrina da Organização integralista nos anos 1930.

Mas há resistência na herança dos estudos clássicos e do pensamento brasileiro. Ela existiu na época e existe ainda hoje, construindo uma luta de classes pela memória *à la* Walter Benjamin. Recentemente a força dessa contra hegemonia emergiu na fala da filósofa Marilena Chauí, curiosamente ao responder a crítica de ser a USP um Departamento de Ultramar Francês, em pleno debate sobre o *método estrutural*:⁴⁴

O Cruz Costa dava aula e 90% do que ele fazia era criticar o IBF do Miguel Reale, os católicos, os integralistas. Metade da aula o Prof. Cruz Costa metia o pau nessa gente. Na segunda metade, dizia que eles precisavam aprender a ler alguma coisa de Filosofia. E na nossa época tinha um manual de filosofia francês escrito pelo Cuvillier que se chamava *Précis de Philosophie*. Então o professor Cruz Costa dizia que a gente precisa pegar o “preciso de filosofia” e mostrar pra eles que eles precisam de Filosofia.

Não se trata e nunca se tratou de apontar *elementos nazistas* na obra de Eudoro de Sousa. Se trata, sim, de compreender de outro ponto vista a própria noção de recepção e transmissão tal como foi feita no século XX e as forças em jogo na própria construção do campo na universidade. Com o silêncio institucional de Eudoro de Sousa, a UnB seria ocupada pela ditadura (e por Miguel Reale) poucos dias após o golpe de 1964. Não consta que tenha havido jamais qualquer ajuste de contas moral da parte de Eudoro de Sousa. O silêncio da crítica sobre as vísceras aqui expostas continua a corroborar um caso radicalmente emblemático. Recentemente, a Comissão da Verdade nos deu surpreendentes relatos da destruição dos estudos clássicos na principal universidade da América Latina sob a égide do Ato Institucional nº 5. Diante de tudo o que expusemos aqui, não é impossível que ao final de 1964 Eudoro de Sousa tenha aplaudido, ao lado de Reale, a presença de Plínio Salgado

⁴⁴ Acesso em setembro de 2024: https://www.youtube.com/watch?v=_VdS-VEgPNg.

dentro do *campus* Darcy Ribeiro. Em todo caso, não restam dúvidas de que a *Deutscher Gruß*⁴⁵ plasmou profundamente uma das máscaras usadas por Eudoro de Sousa.

Referências Bibliográficas

BORGES, Bruno. *Eudoro de Sousa e sua biblioteca: dispersão e fragmentos de um pensamento*. Mestrado, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2015.

CÉSAR, Constança Marcondes César. *O Grupo de São Paulo*. Lisboa: INCM, 2000.

DOMINGUES, Joaquim. Eudoro de Sousa perante a filosofia portuguesa. In: *Mito e Cultura: Vicente Ferreira da Silva e Eudoro de Sousa*. Actas do V Colóquio Tobias Barreto, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, Lisboa, 2001: 157-176.

FAYE, E. *Heidegger: a introdução do nazismo da filosofia em torno dos seminários de 1933- 1935*. Trad. Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2015.

GONÇALVES, Rodrigo J. M. *A Restauração conservadora da filosofia: O Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)*. (Tese), História, Universidade Federal do Goiás. 2016.

JÖHSSON, G. O nazismo de Heidegger é indissociável de sua filosofia. Tradução de Laira Vieira. *Jacobin*, abril de 2023: disponível em: <https://jacobin.com.br/2023/04/o-nazismo-de-martin-heidegger-e-indissociavel-de-sua-filosofia/>. Acesso em 25 jun. 2024.

LUKÁCS, György. *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*. Tradução de Nélío Schneider. 1º ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

MODERNO, João Ricardo. Heidegger 1933. Os arquivos nazistas do Rektor-Führer da Filosofia. *Sigila*, nº 34, 2015/2, p. 141-151.

MOTA, Marcus. O Heráclito de Eudoro de Sousa. In: *Eudoro de Sousa: Estudos de Cultura entre a Universidade de Brasília e a Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2019.

⁴⁵ Saudação alemã a Adolf Hitler.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *As máscaras da totalidade totalitária: memória e produção sociais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

NINHOS, Cláudia. *Para que Marte não afugente as Musas*. Tese, Universidade Minho. 2016.

PITT, Rafael C. *Elementos órficos na poesia de Empédocles*. Tese, Universidade de Araraquara, São Paulo. 2022.

POZZO, R. O espírito contra a alma: o antissemitismo entre Klages e Heidegger. *Cadernos Negros de Heidegger*. Sesto San Giovanni: Mímesis, 2016, p. 171-181.

REAL, M. O Estatuto da Crítica Literária em Eudoro de Sousa. In: TEIXEIRA, A. B. EPIFÂNIO, R. (orgs.). *A obra e o pensamento de Eudoro de Sousa*. Sintra: Zéfiro, 2015.

Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília. Brasília: FAC-UnB, 2016.

RIBEIRO, Álvaro. *Cartas para Delfim Santos: (1931-1956)*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2001.

ROCHE, Helen; DEMETRIOU, Kyriakos (eds.). *Brill's Companion to the Classics, Fascist Italy and Nazi Germany*. Leiden; Boston: Brill, 2008.

SANTOS. *Delfim Santos e o Brasil*. Lisboa: Arquivo Delfim Santos, 2011.

SILVA, Agostinho da; SIEWIERSKI, Henryk, (Coord.). *Agostinho da Silva: universidade: testemunho e memória*. Brasília, Universidade de Brasília, 2009.

SILVA, Rafael. *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2022.

SOUSA, Eudoro de. *Sempre o mesmo acerca do mesmo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1978.

SOUSA, Eudoro de. *A origem da poesia e da mitologia e outros ensaios*. Lisboa: INCM, 2000.

WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. *História da Filologia clássica*. São Paulo: Mnema, 2023.

ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.